

OS JORNAIS E A POLÍTICA OU A POLÍTICA DOS JORNAIS? Uma análise hemerográfica dos discursos sobre a política em dois jornais do município de Cerro Largo, RS¹

NEWSPAPERS AND POLICY OR POLICY NEWSPAPERS?
A discourse analysis of the policy in two newspapers in the city fo Cerro Largo-RS

Daniel da Silva Brum²
Ivann Carlos Lago³

RESUMO: *O artigo apresenta uma análise das formações discursivas presentes nas reportagens sobre política publicadas em dois jornais do município de Cerro Largo (RS), a partir de pesquisa hemerográfica. O foco central consiste em identificar e analisar as representações sociais subjacentes às reportagens veiculadas nesses jornais, bem como a forma como elas influenciam na configuração das abordagens feitas acerca dos fenômenos políticos e de suas análises. Ao analisar as reportagens sobre política em nível nacional, regional e local, foi possível traçar o perfil discursivo de cada um dos jornais e sua influência sobre delimitação, interpretação, valoração e apresentação dos fenômenos políticos aos leitores. Para tanto, toma-se como ponto de partida o arcabouço teórico da análise de discurso, especialmente aquela de origem foucaultiana, e da teoria das representações sociais de Moscovici (1978; 1985). Assume-se, assim, que a forma como se constroem os discursos por meio dos quais se divulgam, pelos jornais, os acontecimentos políticos, reflete visões de mundo e de política que, originários dos autores dos discursos (textuais), acabam por influenciar as percepções acerca do mundo e da política dos receptores, neste caso, os leitores destes mesmos jornais, em que pese ser, também, reflexo deles. Desse modo, foi possível identificar traços discursivos que distinguem os dois jornais, considerando que a análise foi conduzida ao encontro de uma distinção conceitual entre as duas formas de crítica, a saber: i) crítica aos agentes políticos (governo, partido, pessoas); e ii) crítica aos fenômenos políticos de forma despersonalizada (corrupção, incompetência, patrimonialismo etc.).*

PALAVRAS-CHAVE: Análise hemerográfica. Análise de discurso. Política. Ideologia. Representações sociais.

ABSTRACT: The article presents an analysis of discursive formations present in reports on politics published in two newspapers of the municipality of Cerro Largo (RS), from newspaper research. The central focus consists in identify and analyze the social representations underlying articles published in these papers, as well as the way they affect the configuration of the approaches made on political phenomena and their

¹ Esta versão do artigo cumpre uma prerrogativa do edital junto ao qual o projeto de pesquisa foi aprovado. Ele será enviado, em seguida, a revistas especializadas na área, o que implicará ajustes, de formatação e tamanho, em função das regras específicas de cada periódico.

² Graduando em Letras – Português e Espanhol (UFFS). E-mail: danbrever@hotmail.com

³ Doutor em Sociologia Política (UFSC). E-mail: ivann@uffs.edu.br

analysis. By analyzing the reports on policy at the national, regional and local levels, it was possible to outline the discursive profile of each newspaper and its influence on delineation, interpretation, evaluation and presentation of political phenomena readers. To do so, is taken as a starting point the theoretical framework of discourse analysis, especially the one source Foucault, and the theory of social representations of Moscovici (1978, 1985). The underlying assumption, therefore, that the way its constructed the discourses through which are spread by the newspapers, the political events, reflects worldviews and policy, originating by the authors of the discourse (textual), ultimately influencing the perceptions on the world and politics of the receptors, in this case, the readers of these same newspapers, despite also being a reflection of them. Thus, it was possible to identify discursive traits which distinguish the two newspapers, considering that the analysis was conducted to meet a conceptual distinction between the two forms of criticism, namely: i) the critical political agents (government, party, people); and ii) critique of political phenomena of impersonal form (corruption, incompetence, patrimonialism, etc.).

KEYWORDS: Newspaper analysis. Discourse analysis. Political. Ideology. Social representations.

1 INTRODUÇÃO

Os jornais impressos de circulação local/regional ainda constituem, especialmente no interior do país, importante instrumento de (in)formação sobre os mais variados temas. Dentre eles estão as questões ligadas à política tanto nacional quanto regional e, especialmente, local.

Principal fonte de informação política em cidades do interior, os jornais não apenas disponibilizam aos seus leitores informações sobre os acontecimentos políticos, mas também oferecem, em grande medida, as ferramentas interpretativas por meio das quais esses leitores refletem sobre tais fenômenos, atribuindo-lhes significados e situando-os dentro de um arcabouço interpretativo moldado pelas formações discursivas presentes e, por que não dizer, dominantes dentro de um determinado contexto sociopolítico e cultural.

Nesse sentido, a compreensão das referências discursivas a partir das quais os textos sobre política são escritos e publicados nesses jornais, bem como das representações sociais que lhes são geradoras, não constitui apenas recurso para se entender as orientações ideológicas dos grupos representados por esses meios de comunicação. Ela se apresenta ainda como recurso de grande valia para compreendermos os elementos que constituem as representações sociais das pessoas que compõem seu público de leitores, o que é fundamental na análise da cultura política

de uma dada população.

Nos últimos anos, especialmente do ponto de vista da ciência política e da sociologia política, cada vez mais se tem atribuído importância à cultura política como elemento central na compreensão da constituição e do funcionamento dos regimes e das instituições político-governamentais. Em decorrência, progressivamente se reconhece a importância da cultura política como estrutura fundamental no processo de consolidação da democracia (MOISÉS, 1995, HEREDIA, 1996). Por isso, compreender os elementos que constituem e delimitam a cultura política de um dado grupo social é condição básica para se compreender os mecanismos de funcionamento de suas instituições políticas, bem como das condições de legitimação dos agentes que as controlam. E para tanto é indispensável que se compreenda o universo de ideias, representações, opiniões, valores e (pré)conceitos que permitem a um dado grupo social dotar de significado o mundo político no qual vive e do qual faz parte.

Esse universo, por sua vez, é em grande parte construído e organizado pelos discursos por meio dos quais as pessoas se informam sobre a política como fenômeno, diante da qual se situam a partir das representações que constroem com a ajuda dos instrumentos de informação dos quais dispõem.

Os jornais locais, portanto, assumem importância fundamental como objetos de investigação para a sociologia política e para a análise de discurso, na medida em que estas se dispõem a compreender a cultura política, sob dois aspectos. Primeiro por representarem, em nível local, o modelo de compreensão, explicação e significação do mundo político e de seus fenômenos predominantes no contexto cultural onde circulam. Em segundo lugar, por estarem entre as principais fontes de informação política, os jornais agem também como formadores de opiniões políticas, seja pela inevitabilidade da filtragem interpretativa de seus editores ao escolherem o que deve ser noticiado e de como isso deve ser feito, seja pela delimitação das referências discursivas a partir das quais os fenômenos políticos serão retratados, em si mesmas orientadoras do significado atribuído ao texto que se irá ler.

De qualquer modo, o estudo dos textos jornalísticos é fonte privilegiada de informações, não apenas acerca das representações sociais características da sociedade em questão, mas também acerca de seu processo de constituição e disseminação social. E, no caso específico do município de Cerro Largo (RS), onde os dois jornais em questão constituem seguramente as principais fontes de informação política, o seu

estudo possui importância central na compreensão da cultura política regional.

É importante mencionar que, além dos dois jornais que foram analisados, no município também é distribuído o jornal *ZERO HORA*, de circulação estadual. Contudo, o seu custo elevado em relação aos dois jornais locais, associado ao fato de que raramente apresenta reportagens que abordem questões de interesse específico da região, interiorana e bastante distante dos grandes centros do Estado do Rio Grande do Sul, o torna de acesso e leitura restritos pela população do município.

Por outro lado, as emissoras de rádio da região possuem um perfil de atuação que privilegia o entretenimento e os noticiários relacionados a acontecimentos policiais, o que faz dos jornais que serão estudados as principais fontes institucionalizadas de informação política, ao menos no que diz respeito à política local e microrregional.

Por tudo isso, e por ser a análise do discurso e das representações sociais baseados em textos escritos um campo de estudos consagrado no campo da sociologia política e correlato ao campo da formação na área de Letras e Linguística, curso ao qual o projeto está vinculado, este trabalho se justifica como importante contribuição acadêmica a esses dois campos de conhecimento. Adicionalmente, a relevância social do tema se destaca na medida em que trata da cultura política e de seu papel na constituição e consolidação das instituições democráticas, para cuja consolidação o entendimento profundo daquela é indispensável.

A pretensão do presente artigo é realizar, com base na análise hemerográfica, um estudo das formações discursivas construídas/adotadas pelos jornais *GAZETA* e *FOLHA DA PRODUÇÃO*, ambos do município de Cerro Largo (RS), para tratar dos fenômenos políticos nacionais e regionais, buscando uma compreensão detalhada das representações sociais norteadoras dos discursos adotados na abordagem desses fenômenos. Com isso, iniciamos também a construção de um banco de dados com todas as reportagens sobre política, publicadas nos dois referidos jornais, no período compreendido entre agosto de 2011 e abril de 2012; Analisar, a partir de arcabouços teóricos sobre o tema, as formações discursivas presentes nestas reportagens, buscando identificar as representações sociais (especialmente sobre política) e filiações ideológicas que as orientam; identificar e analisar possíveis diferenças na forma de abordar os fenômenos políticos e de atribuir-lhes significados por parte dos dois jornais; Identificar e analisar o espaço político-simbólico atribuído aos fenômenos políticos e aos seus agentes pelos jornais em questão.

2 ASPECTOS TEÓRICOS

Desde Foucault (1986; 2007), embora não exclusivamente a partir dele, a análise do discurso, ou melhor, das formações discursivas, tem sido tomada como estratégia bastante produtiva para identificação e compreensão de elementos ideológicos, culturais, simbólicos e de valores que constituem o universo cognitivo a partir do qual grupos humanos compreendem e explicam o mundo social onde vivem.

Assim, especialmente do ponto de vista da sociologia política, por meio da análise das formações discursivas e das representações sociais (MOSCOVICI, 1978; 1985), é possível se compreender tanto a natureza quanto o processo de constituição e socialização das referências simbólicas que tornam possível aos sujeitos dotar de significado o mundo sociopolítico à sua volta e portar-se diante dele.

As representações sociais aparecem, nesse sentido, como modelos socialmente compartilhados de organização do mundo político e de tudo o que nele acontece (MOSCOVICI, 1985; JODELET, 1989; ARRUDA, 1991), estruturas culturalmente delimitadas que permitem aos sujeitos organizar o mundo onde vivem e atribuir significado ao que nele existe, inclusive a eles próprios e aquilo que fazem (MAZZOTTI, 2002). E os discursos institucionalizados, como aqueles dos jornais de informação são, a um só tempo, reflexos desses modelos culturalmente delimitados de compreensão e construtores deles. Como que dialeticamente, esses discursos institucionalizados refletem as representações sociais da sociedade em que circulam, mas também contribuem ativa e continuamente para construir essas mesmas representações (ARRUDA, 1991). Sua análise, portanto, é recurso teórico e metodologicamente válido para se compreender a fundo a natureza das crenças socialmente compartilhadas que organizam as ações políticas e lhes atribuem significado; ela permite a compreensão tanto dos elementos atuais que constituem a cultura política quanto do seu processo de movimento e mudança.

Como afirma Moscovici (1978; 1985), as representações sociais permitem aos sujeitos organizar os fenômenos com os quais se deparam dentro de um arcabouço explicativo por meio do qual adquirem sentido. Elas organizam o mundo à sua volta, dotando-o de significado. E, a partir disso, tornam-se referências – embora nem sempre

explícitas – de ação, na medida em que organizam o espaço social dentro do qual o próprio sujeito vive (MAZZOTTI, 2002).

As representações sociais, portanto, não são apenas referências de sentido para o mundo – político, em nosso caso – mas também referências de comportamento, estruturas orientadoras dos comportamentos dos sujeitos e tomadas como base para o julgamento dos comportamentos dos outros.

Nesse contexto, a pesquisa hemerográfica voltada aos jornais de perfil e circulação local surge como importante ferramenta para se compreender os elementos compartilhados que constituem as bases coletivas das representações sociais vinculadas ao mundo político de um dado grupo social (SEIBEL, 2007).

Isso porque o discurso jornalístico é, simultaneamente, reflexo do mundo social em que se pretende inserir – seu público de leitores – e das visões de mundo de seus editores, autores das escolhas que caracterizam o jornal, seja em termos do que nele será apresentado, seja da forma como isso será feito, o que lhe assegura certa capacidade de influenciar as representações sociais de seus leitores e, por decorrência, influenciar sua forma de entendimento do mundo político e sua maneira de agir em relação a ele (JODELET, 1989; MAZZOTTI, 2002).

3 ASPECTOS METODOLOGICOS

Para a realização da pesquisa foram tomados, como objetos de análise, os jornais *GAZETA* e *FOLHA DA PRODUÇÃO*, ambos de circulação local e microrregional, produzidos no município de Cerro Largo, na região Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Deles foram extraídas (e transcritas) todas as notícias, reportagens e artigos de opinião voltados à política em geral, nacional, estadual e local, durante o período compreendido entre agosto de 2011 e abril de 2012.

O jornal *GAZETA* é distribuído em duas edições semanais, publicadas às quartas e sextas-feiras. O jornal *FOLHA DA PRODUÇÃO* possui uma única edição semanal, distribuída às quintas-feiras. Isso significa que, do ponto de vista quantitativo, temos praticamente o dobro de amostras do primeiro em relação ao segundo. Contudo, o período relativamente longo da coleta de dados – nove meses – permitiu a tomada de um número considerável de exemplares, mesmo no segundo caso, o que assegurou a possibilidade de análise, inclusive estatística, de ambos.

Ambos os jornais foram recebidos pelo *Campus* Cerro Largo da UFFS, o que tornou relativamente fácil e sem custos o acesso aos dados. Assim, todas as edições dos jornais em estudo recebidas pelo *Campus* foram lidas em busca de textos que tratem da política, para fins de transcrição e sistematização das informações.

Depois de transcritos, todos os textos jornalísticos que tratam da política, em seu sentido amplo, foram categorizados e organizados em um banco de dados. A respeito do perfil, conforme refletiu na análise textual, a pretensão foi classificar os textos de acordo com sua profundidade, presença ou não de teor crítico, amplitude da abordagem, detalhamento das informações. Com isso foi possível, de um lado, produzir relatórios de natureza quantitativa, com gráficos e tabelas trazendo uma abordagem estatística do objeto em estudo. De outro lado, permitiu uma abordagem qualitativa, baseada na análise dos textos (e das formações discursivas e representações sociais neles presentes), inclusive permitiu a utilização de trechos destes para ilustração de argumentos e comprovação das “descobertas” feitas no estudo.

Para a análise final dos dados da pesquisa, foram considerados os cruzamentos quantitativos e a abordagem qualitativa, baseada na análise (discursiva) dos textos dos jornais. Com isso, este relatório tem o intuito de apresentar uma análise detalhada do perfil de atuação de cada um dos jornais estudados, no que tange à política tanto nacional quanto regional e local.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 ANÁLISE QUANTITATIVA

Inicialmente analisamos todos os discursos que tratam de temas políticos nos jornais em questão, considerando os aspectos quantitativos e qualitativos do *corpus* da nossa pesquisa. Contudo, a análise quantitativa não se mostrou de grande valia para identificarmos distinções entre os jornais, pois eles são muito semelhantes no que diz respeito à quantidade de espaço e ao perfil geográfico das matérias.

Em linhas gerais a tabela a seguir demonstra as características de cada jornal, a saber:

Tabela 1: Espaço em cm² dos jornais dedicado a conteúdos de cunho político, segundo a natureza dos textos.

Jornal	Total	Informativas	cm ²	Média cm ²	Nacional	Local/Regional
Folha da Produção	258	245 (95%)	5145	21	6 (2,5%)	239 (97,5%)
Gazeta	278	259 (93%)	4921	19	4 (1,5%)	255 (98,5%)
		Analíticas	cm ²	Média cm ²	Nacional	Local/Regional
Folha da Produção		13 (5%)	2587	199	9	5
Gazeta		19 (7%)	3771	198	2	17

Fonte: Elaboração dos autores, com base nos jornais pesquisados.

Percebe-se claramente que não há diferenças significativas entre esses veículos de comunicação, e, como é possível identificar nessa tabela, ambos os jornais dedicam maior espaço de publicação às matérias de teor informativo, e praticamente igualam-se na proporção de espaço, como se confirma por meio da tabela a seguir:

Tabela 2: Quantidade de “matérias”, em N e %, dos jornais, dedicada a conteúdos de cunho político, segundo a natureza dos textos.

Espaço destinado nos jornais						
	Matérias informativas			Matérias analíticas		
	N	%	Cm ² (média)	N	%	Cm ² (média)
Folha da Produção	245	95	21	13	5	199
Gazeta	259	93	19	19	7	198
Total	504	94	20	32	6	198

Fonte: Elaboração dos autores, com base nos jornais pesquisados.

Mais uma característica dos jornais é que ambos focam suas matérias em notícias em nível local/regional, ficando suprimidas as matérias de nível nacional, definindo-se, desse modo, o perfil geográfico dos jornais, e a tabela 3 demonstra essa realidade:

Tabela 3: Distribuição das “matérias” segundo o escopo local/regional/nacional (N e %).

Foco das matérias				
	Local/Regional		Nacional	
	N	%	N	%
Folha da Produção	239	97,5	6	2,5
Gazeta	255	98,5	4	1,5
Total	494	98	10	2

Fonte: Elaboração dos autores, com base nos jornais pesquisados.

Frente à exposição das tabelas, que revelam a situação de ambos os jornais, faz-se mister afirmarmos que uma análise alongada sobre o levantamento dos dados apresentados acima tornou-se ineficiente, e tão somente a análise quantitativa não nos permitiu chegarmos a conclusões de impacto na pesquisa. Assim sendo, tornou-se pertinente concentrarmos os esforços analíticos sobre os dados qualitativos, como poderá ser visto na próxima sessão.

4.2 ANÁLISE QUALITATIVA – “A POLÍTICA DOS JORNAIS”

Como vimos anteriormente, os jornais não são meros instrumentos escritos de comunicação social. Além de disponibilizar aos seus leitores informações sobre os acontecimentos políticos, oferecem, em grande medida, as ferramentas interpretativas por meio das quais esses leitores refletem sobre tais fenômenos. Faz-se mister, desse modo, afirmar que essas ferramentas interpretativas são responsáveis por impulsionar os enunciatários dos jornais a atribuir significados acerca de determinados fenômenos e situá-los dentro de um arcabouço interpretativo moldado pelas formações discursivas presentes e, por que não dizer, dominantes dentro de um determinado contexto sociopolítico cultural.

Um dos objetivos da pesquisa foi identificar essas formações discursivas dominantes nos jornais *Gazeta (Gz)* e *Folha da Produção (FP)*. Partindo do conhecimento de que os jornais possuem mais matérias de teor puramente informativo do que analítico, conforme se verifica segmento “análise quantitativa”, pode-se afirmar que a partir da simples leitura de ambos os jornais, o *FP* perpassa uma visão mais crítica de política, de modo a dar uma abertura maior à cultura política em linhas gerais. Em outras palavras, num primeiro momento foi possível perceber que esse jornal possui alguns artifícios críticos mais “aguçados” do que o *GZ*. Um desses instrumentos de grande valia em teor crítico são as charges que possuem um lugar definido na segunda página do *FP* que, na grande maioria das edições, abordam temas políticos e com um elevado teor crítico.

Contudo, não é o simples fato de que ambos os jornais possuem, embora poucas, matérias diretamente relacionadas com a “crítica” política que está em jogo. Um aspecto

marcante dos discursos encontrados nos nossos objetos de análise é a latente distinção no caráter da crítica feita pelos dois jornais. Nesse ponto, confirma-se o que Oliveira (1999) apresentou acerca das representações coletivas. Segundo ele, Durkheim pôde demonstrar que “as representações coletivas dependem dos objetos, mas só se materializam no cotidiano dos grupos”. Segundo o autor parte-se dessa perspectiva para identificar um efeito, a saber: “um mesmo objeto pode ser representado diferentemente por distintos grupos sociais. Já as representações não precisam ser sempre exclusivas e/ou inéditas” (OLIVEIRA, 1999, p. 176).

Assim sendo, consoante afirmação acima, é perceptível que as ações coletivas da sociedade, em nosso caso especificamente políticas, são representadas de forma distinta pelos jornais objetos desta análise. De um lado temos o jornal *Gazeta* que se volta mais ao discurso crítico para apontar falhas/problemas/“defeitos”, especialmente no que tange aos governos federal e estadual. De outro lado temos o *Folha da Produção* que claramente tem um perfil mais crítico em relação aos fenômenos políticos propriamente ditos, como é o caso da corrupção. Ou seja, enquanto o primeiro é crítico em relação aos governos, aos partidos e aos políticos na qualidade de agentes personificáveis e personificados, o segundo é crítico para uma postura diante da política como fenômeno humano, independentemente dos agentes, institucionais ou subjetivos, que a põem em curso.

Desse modo, pode-se afirmar que há distinções de considerações críticas dos editores, pois uma coisa é criticar um determinado governo/governante/partido por ser corrupto; outra coisa é analisar criticamente o fenômeno da corrupção e suas implicações (políticas, sociais, econômicas, morais, etc.).

Um aspecto marcante do perfil discursivo do jornal *FP* são as charges críticas que abordam, em sua maioria, temas como a corrupção política. Torna-se pertinente afirmar que a forma como se constroem os discursos pelos quais se divulgam os acontecimentos políticos, nesse caso especificamente as imagens (charges) vinculadas ao *FP*, refletem visões de mundo e de política que acabam por influenciar as percepções dos receptores, neste caso, os leitores desse jornal, em que pese ser, igualmente, reflexo deles. Nessa perspectiva, torna-se evidente um “efeito” diferenciado em relação aos dois jornais. A estratégia do *Gz* de criticar governos, partidos e pessoas, produz nos leitores um efeito de negação desses governos, partidos e pessoas. Ou seja, ao projetar, no jornal, uma visão de crítica direta a determinados agentes do cenário político, isso

cria/reforça nos leitores (eleitores!) uma percepção de negatividade em relação a eles. Isso, do ponto de vista prático, por exemplo, pode produzir efeitos eleitorais identificáveis, como o voto na oposição. Em suma, do ponto de vista do jornal, trata-se de uma postura de não objetividade em relação aos governos e partidos que são alvos da crítica.

Algo diferente ocorre com o *FP*. Neste caso, a crítica não tem como alvo pessoas ou instituições, mas comportamentos arraigados e vinculados à cultura política brasileira. Ao analisar criticamente a política como fenômeno e não governos como agentes personificados, o jornal promove a disseminação de uma postura analítica que contribui para a qualificação do cidadão/eleitor, sem com isso, voltar-se à influência de seu comportamento em relação a este ou aquele governo e/ou partido político. Trata-se, portanto, de uma postura de maior objetividade desde o ponto de vista da postura política do jornal. Isso reflete, inclusive, no maior espaço dado ao jornal a textos de autores que não o editor, inclusive que trazem opiniões e reflexões contraditórias entre si. O objetivo, assim, é mais voltado à promoção do debate e à possibilidade de que o leitor tire suas próprias conclusões, e não a tentativa de fazer com que ele assumas as opiniões do editor. São diferenças aparentemente sutis, mas que podem produzir efeitos significativamente distintos do ponto de vista da compreensão e do comportamento dos leitores na qualidade de agentes sociais.

Por meio da percepção de duas formas de críticas nos nossos objetos de pesquisa é possível afirmar que as contribuições da teoria das representações sociais e dos estudos simbólicos têm um enorme potencial, que, segundo Oliveira (1999, p. 191), em primeiro lugar “se apresentam como capazes de revelar a maneira graças à qual os diversos atores sociais assimilam, elaboram e difundem conhecimentos sobre a realidade e qual o sentido imaginário destes”. E, segundo, “porque estes conhecimentos permitem que a sociedade aprenda a se situar no (diante do) mundo, que ela revele o que e como está significando o mundo”. É nessa perspectiva que os jornais *Gazeta e Folha da Produção* foram analisados, levando-se em consideração que esses veículos de informações e críticas têm circulação por diversos municípios da região noroeste do Estado do Rio Grande do Sul.

Um aspecto que permite identificar distinções entre os dois jornais é a forma como os discursos são distribuídos ou, melhor dizendo, a forma como são lançados e organizados os textos que abordam temas políticos. Embora, como visto anteriormente,

ambos os jornais dediquem mais espaço a temas de caráter informativo, é possível fazer uma distinção de perfis a partir dos textos encontrados em nossos objetos de análise.

Claramente o jornal *Gz* apresenta textos editados pelo próprio editor que se enquadram no conceito de crítica a agentes personificados e o *FP* assume um posicionamento crítico de forma distinta, ou seja, faz crítica aos fenômenos políticos de forma despersonalizada, e, inclusive apropria-se constantemente da palavra alheia com o intuito de apresentar uma opinião crítica distinta da sua. Compreende-se, assim, que a “adoção” de textos de outros autores, ou em outras palavras, a postura de abrir espaço às opiniões de diversos autores, é um aspecto predominante nos jornais, com maior incidência no *FP*.

Considerando essa abertura de espaço à “fala do outro”, faz-se mister afirmar que o editor está promovendo o debate de ideias, dando, conseqüentemente, aos leitores a possibilidade de tirar suas próprias conclusões, distintamente do perfil discursivo do *Gz*, que prioriza a opinião do editor e, com isso, tenta fazer com que ela seja, de algum modo, assumida também pelos leitores.

Uma das características do *Gz* é o fato de o editor possuir uma coluna intitulada “Fique Por Dentro”. Esse espaço foi lançado em um lugar privilegiado do jornal e são expostas notícias de nível local em sua maioria, comentários sobre datas especiais, sobre esportes (predominantes) e, às vezes, pode-se inclusive dizer “esporadicamente”, sobre temas políticos. Em um pequeno texto da edição nº. 848 o editor dedica tão somente oito linhas para expor a sequência de escândalos em Brasília e, desse modo, expor suas críticas aos agentes do governo. Pode-se destacar desse texto algumas frases que confirmam esse fato, a saber: “Denúncias de corrupção estão derrubando os índices de popularidade da presidente Dilma” e “Por essas e outras a classe política está cada vez mais desacreditada”.

Alguns aspectos discursivos foram observados para que pudéssemos ilustrar as tendências de cada um dos jornais. Conforme a visão foucaultiana interpretada por Sargentini (2006, p. 04),

O corpus de análise passa, então, a ser composto por textos variados, de diversos gêneros, que circulam em diferentes suportes, sobre um mesmo tema, conceito ou acontecimento. A noção de formação discursiva é, enfim, considerada em sua heterogeneidade e tende a ser deixada de lado em função de uma operação de “leitura de arquivo”.

Assim sendo, destacamos todos os discursos que abordam temas políticos durante o período de oito meses e categorizamos os textos de caráter informativo e os textos de caráter analítico. Considerando esse aspecto da nossa pesquisa, faz-se necessário valorizar a pesquisa partindo da organização do *corpus* com base nas concepções da linguística de *corpus*, que favorece o tratamento informático, que, segundo Sargentini (2006, p. 05), “defende que tal organização do corpus permite a análise a partir da própria reflexividade dos enunciados”, ou seja, “o discurso é portador de seus próprios recursos interpretativos, não estando desconectado da realidade” (Guilhaumou, 2002 apud Sargentini, 2006, p. 05).

Segundo esse autor, não há razão para buscar sentidos em um contexto em virtude de que, pelo fato de termos uma grande quantidade de textos, esse contexto já pode ser apanhado ao se analisar esse extenso *corpus*. O autor ainda expõe que

Trata-se de uma proposta na qual se acentua o tratamento do corpus, considerando estar nesse conjunto de textos a capacidade de abrigar discursos em relação de complementaridade e a contraditoriedade. A noção de formação discursiva recebe, então, uma nova visada, sendo compreendida nesse momento de forma estendida, destacando-se que no interior dela marca-se também a relevância dos gêneros (BARONAS, 2004 apud SARGENTINI, 2006, p 05).

Por isso, para princípio da nossa análise qualitativa dos textos fizemos uma abordagem do jornal *Gz*. Esse jornal, como dito anteriormente, possui praticamente o dobro de publicações em relação ao *FP*, contudo, ao selecionarmos as matérias de cunho próprio do editor, percebeu-se que o número reduziu-se a tão somente seis textos pertinentes à nossa análise que possuem um teor crítico partindo de temas políticos. São eles: “Mais escândalos em Brasília”, “Ministros caindo”, “Dia do vizinho”, “Falta um ano para a eleição”, “Greve sem força”, “Professores parados”.

O primeiro texto, ou seja, “Mais escândalos em Brasília”, revela o lançamento de profundas críticas ao governo federal, possuindo a crítica, portanto, alvo personificado, e o editor começa pontuando uma série de “catástrofes” políticas que vem ocorrendo em nosso país, a saber: “Primeiro foi o escândalo no Ministério dos Transportes, depois no Ministério da Agricultura, agora no Ministério do Turismo”.

Tomando como ponto de partida a percepção de que o jornal *Gz* possui mais discursos críticos sobre política do próprio editor, fica evidente que estes possuem alvos personificados, ao contrário do *FP* que, além de trazer à discussão textos de diferentes

posicionamentos críticos, trata o tema de forma despersonalizada. Em outras palavras, para melhor elucidar o exposto, deve-se considerar que os dois jornais possuem traços discursivos que os distinguem, e se trata de uma distinção conceitual entre as duas formas de crítica, a saber: i) crítica aos agentes políticos (governo, partido, pessoas); e ii) crítica aos fenômenos políticos de forma despersonalizada (corrupção, incompetência, patrimonialismo, etc.), sendo a primeira concepção crítica especificamente do *Gz* e a última do *FP*.

Uma afirmação que evidencia o teor da crítica apresentada pelo *Gz* (aos agentes políticos) é latente por meio da seguinte afirmação do editor: “Denúncias de corrupção estão derrubando os índices de popularidade da presidente Dilma”. Em seus textos, o editor adota algumas expressões que usa em diversos discursos, por exemplo, se refere aos membros do governo atual como “altos escalões”, atribui “facilidade” a esses “altos escalões” de “superfaturar obras e/ou serviços, esquentar notas e assim por diante”, nas palavras do colunista, conforme edição nº. 848. Ainda nessa edição, o editor conclui o referido texto, dizendo que “por essas e outras a classe política está cada vez mais desacreditada”, e é evidente que o tema “corrupção política” é um assunto relevante que é usado em tom de generalização aos políticos.

Abordando novamente a decadência do governo federal, no segundo texto selecionado, intitulado “Ministros caindo”, o editor introduz, afirmando que “continuam caindo os Ministros da Dilma”, e essa afirmação constitui-se como máximo da personificação da crítica, e não se trata nem do governo, mas “da Dilma”, seguido da indignação expressa do autor ao dizer que “impressionante como a corrupção se institucionalizou em Brasília”. Nesse texto o editor retoma um argumento do texto anterior, dizendo que “parece normal superfaturar tudo” e, igualmente, usa novamente o termo “altos escalões” em argumentação relativa ao enriquecimento ilícito.

Um aspecto discursivo que ironiza a argumentação do autor é a afirmação que “são tantos exemplos nos últimos anos de Palocis e ‘Lulinhas’, que fica difícil para o cidadão comum, acreditar que ainda exista alguém honesto na capital federal”. Desse modo, mais uma vez confirma-se a hipótese de que a forma como se constrói o discurso leva à conclusão de que o problema são as pessoas (Palocci, Lula) e não as práticas políticas (corrupção, patrimonialismo).

Ora, se a abordagem do jornal põe o problema nas pessoas, a conclusão a que o leitor é levado é a de que se mudarmos as pessoas, o problema acaba. Mas se o foco for

o comportamento, a cultura política, a mudança deixa de focar-se em pessoas, e volta-se à reflexão acerca da cultura política de forma mais ampla. Essas duas formas de abordagem dos editores constituem-se como posturas/estratégias discursivas diferentes que possuem consequências muito diversas. O efeito, portanto, sobre a percepção do (e)leitor e, por consequência, sobre seu comportamento, é diferente no caso dos dois jornais. Enquanto um (*Gz*) volta-se à crítica de pessoas e entidades políticas identificadas e identificáveis, o outro se volta ao fomento de uma análise sobre práticas arraigadas à cultura política e ao modo de fazer política no Brasil. Ao passo que aquele promove um sentimento de aversão aos políticos e um desejo de mudança das pessoas que atualmente estão nas posições de comando político, este tenta promover um debate mais genérico sobre as práticas políticas tradicionais do país.

O terceiro discurso é intitulado “Dia do vizinho”, embora cremos que o autor cometeu um equívoco ao atribuir título ao texto, e o conteúdo não está relacionado com essa data e o discurso que o antecede possui a mesma titulação. Mas, enfim, esse texto possui a temática envolta no “horário gratuito” na TV de um partido político, considerado pelo editor como “nanico”. A argumentação do editor toma rumo com a tão desejada “reforma política” que “tanto prometeram” os nossos “nobres deputados”, como menciona ironicamente. Segundo o editor, os políticos estão substituindo as pautas que realmente seriam importantes à nação por assuntos supérfluos como a ocupação de “cargos do pessoal que está sendo demitido em função das acusações de desvio de recursos”, conforme edição nº. 850. De certo modo, o próprio jornal que ele edita está a fazer o mesmo ao focar a crítica nas pessoas e não nas grandes questões da política nacional.

Já no nosso quarto discurso o editor trouxe à tona um assunto que, depois de um ano surtirá grandes efeitos à população. As eleições que definirão os novos prefeitos, vices e vereadores em todo o país. O texto é intitulado “Falta um ano para a eleição” e, após contextualizar o assunto e transmitir várias informações pertinentes a todos que têm pretensão de se candidatar em tal eleição, ele expressa o seu “anseio” para fazer a conclusão, a saber: “Esperamos que tudo transcorra em alto nível entre os futuros candidatos, para que os eleitores tenham condições de analisar a tudo e a todos com total isenção”.

É perceptível nos textos que citamos e comentamos acima que o editor utiliza o discurso monológico, ou seja, que ele não traz para seu discurso o posicionamento de

outros escritores, ou de autoridades nos temas expostos. Esse fato é o reflexo da opção política do próprio jornal, e é um fator determinante que o diferencia do *FP*. Seu objetivo prioritário não é subsidiar uma reflexão autônoma por parte do (e)leitor sobre os temas políticos, mas disseminar uma postura crítica em relação aos atuais governantes. Por isso, a opção por não abrir espaço às diversas opiniões, mas preferir divulgar a sua. Porém, no quinto texto que selecionamos o editor adota o posicionamento de outras personalidades, mas, como veremos a seguir, possui um alvo bem definido.

O discurso é intitulado “Greve sem força”, e toda a argumentação gira em torno do fracasso da greve dos professores estaduais. Para “comprovar” que essa greve é repudiada, o editor atribui importância à palavra da Secretaria Estadual de Educação que diz que “já avisou que os dias letivos deverão ser compensados até completar os 200 dias exigidos por lei. Ela avisou que os professores deverão ter o mesmo tratamento dado aos alunos [...]”.

O editor dá, igualmente, ênfase ao discurso do presidente da Federação das Associações e Círculos de Pais e Mestres do Rio Grande do Sul (Federapars), Robison Minuzzi, que diz que “afirmou que os pais não concordam com a greve, apesar de reconhecerem o direito dos professores”, fazendo uso, inclusive, da citação direta dessa autoridade, logo após essa afirmação.

Para concluir esse texto, o editor posiciona-se criticamente em relação à situação. Diz que “todos esses dados, entretanto, não tiram a responsabilidade do governo estadual em pagar o piso nacional aos professores, já que se trata de uma lei decidida como constitucional pelo Supremo Tribunal Federal e que sempre foi defendida, inclusive, pelo atual governador do Estado”, conforme edição nº. 873. Nesse ponto da argumentação do editor, é perceptível que ele direciona seu ataque para um alvo bem definido, isto é, o “atual governador do Estado”.

E, por fim, o último texto que selecionamos nesta seção refere-se ao mesmo tema do discurso que citamos anteriormente, sendo intitulado como “Professores parados” (edição nº. 894). Aqui a parte mais relevante, além das informações transmitidas sobre a situação da paralisação dos professores da rede pública, é o posicionamento do editor frente a essa situação.

Ele registra no último parágrafo o seguinte: “O mais curioso é que, no Rio Grande do Sul, o governador Tarso Genro, Ministro da Educação na época da criação

do piso, não está querendo pagar o direito dos professores”. A afirmação do autor constitui-se como uma crítica direta ao atual governo e ele conclui dizendo que “Ele (o governador) deveria ser o primeiro a cumprir a lei, considerada constitucional pelo Supremo Tribunal Federal. Mas é o caso típico em que o discurso é muito diferente na prática e de que as opiniões e ações mudam muito quando o indivíduo deixa de ser crítico de oposição e passa a ser governante”. Eis aí a máxima da personificação do discurso do editor do *Gz*, fato este que confirma o enquadramento desse jornal no conceito de crítica que se direciona aos agentes políticos.

Adentrando a análise dos textos que possuem um teor crítico significativo sobre temas políticos no *FP*, percebe-se um determinado “contraste” entre esse jornal e o *Gz*. Em outras palavras, tornou-se possível identificar algumas particularidades dos dois jornais que já foram expressas nas argumentações supra. Nossa visão inicial sobre o *FP* era de um jornal com teor mais crítico em relação ao *Gz*, em virtude de haver ilustrações (charges críticas). Ambos os textos adotam o discurso de outrem para definir ou situar o público alvo acerca dos acontecimentos do mundo político, e este fato configura-se como foco na diversidade de opiniões, o que reflete uma postura teórica e política distinta em relação ao *Gz*.

O *FP* possui um espaço na segunda página denominado “Opinião”. Esse espaço subdivide-se em, nas laterais, uma coluna de cada lado para artigos ou, às vezes à esquerda, um editorial; No centro, um espaço identificado como “Bastidores”, em que o editor apresenta curiosidades sobre qualquer tema ou assunto e abaixo desse quadro estão situadas as charges críticas.

Enquanto no *Gz*, embora com poucos textos próprios, o editor expressa a sua opinião crítica direta sobre assuntos políticos, no *FP* o editor se restringe a apresentar alguns fatos isolados do mundo político, como é o caso de leis que beneficiam os municípios, e geralmente faz uso de colunas para ilustrar de forma positiva os fatos apresentados e apontar problemáticas e/ou sugestões ao poder público para viabilizar o cumprimento integral de determinadas leis.

Esse é um aspecto relevante do *FP*, e torna-se evidente a distinção entre essa forma adotada de analisar os fatos por esse jornal, e a análise de pessoas e instituições, como é feita pelo *Gz*. Tanto que, de um lado temos o *Gz*, que possui seu alvo definido (agentes políticos), e de outro o *FP* que dá abertura para que seus leitores possam refletir acerca de determinados fenômenos políticos. Essa característica discursiva do

FP é evidente por meio do próprio título, isto é, “Opinião”, ao passo que o editor do *Gz* possui um espaço chamado “Fique Por Dentro”.

Pressupõe-se, a partir da distinção conceitual entre as duas formas de crítica apresentadas anteriormente, que o *FP* transmite uma visão aberta de política, em contraste com o *Gz* que “impõe” sua opinião e faz que o público-alvo de suas escrituras gerem um posicionamento negativo frente à argumentação exposta nesse meio de comunicação.

A tendência do *FP* em criticar os fenômenos políticos de forma despersonalizada é evidente no corpo discursivo desse jornal, e pode-se perceber no discurso intitulado “Valorização do SIM” (edição nº. 2040) que introduz da seguinte forma: “O governador Tarso Genro sancionou a lei que cria o Sistema Unificado Estadual de Sanidade Agroindustrial Familiar, Artesanal e de Pequeno Porte (SUSAF/RS), de autoria do deputado estadual Edegar Pretto (PT)”.

Percebe-se aqui que, embora mencione o nome do governador, o foco não está nele, mas na lei que ele sancionou. Finaliza da seguinte forma:

Julgamos que esse programa deve ser preferencial aos municípios porque aumenta a renda de um segmento da população local, o que implica no aumento do consumo, que por sua vez aumenta a renda das Administrações Municipais, através do pagamento de impostos.

Desse modo, é indubitável que o foco não está nos agentes, mas nos fenômenos políticos.

Fato que comprova nossa argumentação é que o *FP* possui uma tendência discursiva informativa crítica, ou seja, o editor apresenta determinadas informações acerca de deliberações governamentais, explicando suas particularidades e contextualizando em nível regional, e expõe argumentos, geralmente reafirmando o lado benéfico do assunto abordado e propondo alguma melhoria, ao passo que o *Gz* somente lança alguma crítica se em sua argumentação o alvo for personificado, e o próprio jornal se contradiz ao limitar-se em criticar agentes políticos no lugar de apresentar alguma crítica construtiva, como é o caso do *FP*, em prol de que seus leitores possam refletir sobre determinado assunto e visar uma perspectiva de mudança e não somente uma visão negativa dos governantes.

A tendência discursiva do *FP* confirma-se por meio do texto da edição nº. 2045, intitulado “Emendas de Iniciativa Popular”, que foi introduzido no seguinte teor: “o

Congresso Nacional aprovou proposta para que os municípios brasileiros, com até 50 mil habitantes, tenham autonomia para apresentar emendas de iniciativa popular no Orçamento Federal do exercício seguinte”.

É exatamente por meio dessa explanação do editor que se percebe um efeito muito interessante sobre o (e)leitor. A questão nesse texto é informar para que as pessoas tirem suas conclusões e não projetar sobre elas as opiniões do editor do jornal, ficando assim, evidente a diferença entre as duas formas de ser “crítico”.

Após explicar sobre o assunto proposto na coluna, o editor conclui, afirmando que “as Emendas de Iniciativa Popular, com certeza, vão preencher grandes lacunas e darão aos Orçamentos Públicos a credibilidade que precisa para cumprirem seu objetivo”. Mais uma vez, torna-se evidente o perfil discursivo do *FP* ao expor uma visão crítica de política que não aborda problemáticas do governo, pessoas ou partidos, mas considera importante a exposição dos fenômenos políticos de tal modo que o seu público-alvo possa tomar conhecimento dos fatos que constituem o mundo político e gerar sobre determinados assuntos sua opinião, confirmando-se, assim, a visão de que os jornais refletem em seus leitores visões de mundo e de política.

Para elaborar a análise qualitativa do *FP* foram considerados na seleção apenas nove textos, e tão somente dois desses discursos são de autoria do próprio editor. Os demais textos, que em sua totalidade enquadram-se como artigos, são de autoria de outrem. Uma característica importante, também, é o fato de o editor “apropriar-se” da palavra (discurso) de personalidades de renome, especialmente em nível estadual. A “fala do outro” adotada pelo editor pode não refletir a sua própria opinião, mas trata-se de uma postura jornalística muito distinta daquela adotada no *Gz*, e que dá vida ao que foi argumentado anteriormente nesta análise.

Considerando que apenas dois textos são de autoria do editor, os demais estão assim distribuídos: cinco textos do ex-deputado estadual Jauri Gomes de Oliveira (“Prioridades discutíveis”, “Onde está a coerência?”, “Como é que pode?” “O voto” e “Viúvas da ditadura”), um texto de Tarso Genro, atual Governador do Estado do Rio Grande do Sul (“A importância das cidades modernas”), e um texto de Juremir Machado da Silva, renomado escritor, que inclusive atua como colunista do Jornal Correio do Povo e que aborda criticamente questões relacionadas à política, sendo esse texto intitulado como “Pobres aposentados”.

É justamente esse aspecto discursivo do *FP* que foca na diversidade de opiniões que reflete uma postura teórica e política distinta desse jornal em relação ao *Gz*, e as duas formas de crítica exploradas em nossa análise refletem nos (e)leitores, que constituem o público-alvo potencial dos jornais em questão, consequências deveras distintas e interessantes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, o eixo central da nossa análise consistiu em identificar e analisar as representações sociais subjacentes às reportagens veiculadas nos jornais *Folha da Produção* e *Gazeta*, bem como a forma como estas influenciam na configuração das abordagens feitas acerca dos fenômenos políticos e de suas análises.

Ao analisar as reportagens sobre política em nível nacional, regional e local, foi possível traçar o perfil discursivo de cada um dos jornais e sua influência sobre delimitação, interpretação, valoração e apresentação dos fenômenos políticos aos leitores.

Assim sendo, foi possível identificar traços discursivos que distinguem os dois jornais, considerando que a análise nos levou a uma distinção conceitual entre as duas formas de crítica, a saber: i) crítica aos agentes políticos (governo, partido, pessoas); e ii) crítica aos fenômenos políticos de forma despersonalizada (corrupção, incompetência, patrimonialismo, etc.), sendo a primeira concepção crítica especificamente do *Gazeta* e a última do *Folha da Produção*.

Partindo dessa distinção conceitual entre as duas formas de crítica, pode-se afirmar que a forma como se constroem os discursos por meio dos quais se divulgam os acontecimentos políticos, reflete visões de mundo e de política que acabam por influenciar as percepções acerca do mundo e da política dos receptores.

O jornal *Folha da Produção* assumiu um posicionamento que deixa evidente o seu objetivo de informar seu público-alvo para que os leitores (eleitores!) tirem suas conclusões acerca dos fenômenos políticos, e, inclusive, o editor abre espaço à palavra alheia de modo que várias opiniões fiquem expressas em seu jornal.

Por outro lado, o *Gazeta* assume um perfil que projeta sobre os leitores as opiniões do editor do jornal. Esse jornal assume a forma de crítica que ataca os agentes

políticos, e a forma como se constroem os discursos levam seu público-alvo à conclusão de que o problema são as pessoas e não as práticas políticas.

Enquanto no *Folha da Produção* os receptores são “convidados” para participar da “conversa” e criar suas próprias opiniões, e o foco é a cultura política de uma forma mais ampla, por meio do *Gazeta* é perceptível que, devido ao fato de que a abordagem do jornal põe o problema nas pessoas, a conclusão do leitor é de que se mudarmos as pessoas essas questões problemáticas se acabam.

Considerando o exposto, o auge da nossa análise trouxe à tona à pesquisa a distinção conceitual entre as duas formas de crítica apresentadas pelos jornais *Gazeta* e *Folha da Produção*, de forma que o perfil discursivo dos nossos objetos de análise foram traçados, sendo pertinente expor que por meio da análise do *corpus* faz-se mister afirmarmos que os jornais possuem posturas/ estratégias discursivas diferentes que resultam em consequências muito diversas no seu público-alvo.

Por fim, ao final da pesquisa evidencia-se a necessidade de continuidade do esforço investigativo. Em especial, novas pesquisas deverão voltar-se à investigação das formas e da intensidade por meio das quais essas diferentes posturas jornalísticas influenciam seus leitores, em especial no que diz respeito às suas opiniões e atitudes políticas.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, A. Teoria das representações sociais e teorias de gênero. **Cadernos de Pesquisa**, n.117, p.127-147, nov. 2002.

BERGER, P., LUCKMANN, T. **A Construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1978.

CHAUÍ, M. **O Que é ideologia**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

DURKHEIM, E. **As regras do método sociológico**. 13. ed., São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1987.

FARR, R. Representações sociais: a teoria e sua história. In: JOVCHELOVITCH, S.; GUARESCHI, P. (orgs.). **Textos em representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 1994, p.31-59.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Caps. 8-11, p. 89-143, Porto Alegre: Bookman, 2004.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.

_____. **As palavras e as coisas**. Tradução de Salma Tannus Muchail. 9. edição. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

HEREDIA, B. M. A. de. Política, família, comunidade. In: PALMEIRA, M. & GOLDMAN, M. (Org.). **Antropologia, voto e representação política**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1996.

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (org.). **As Representações sociais**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2002, p.17-44.

MAZZOTTI, A. J. A. A Abordagem estrutural das representações sociais. **Psicologia da Educação**, São Paulo, PUC/SP, n. 14/15, p.17-37, 2002.

MINAYO, Maria C. de Souza (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

MOISÉS, J. A. **Os brasileiros e a democracia**. São Paulo: Ática, 1995.

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

_____. **Sobre representações sociais**. (Traduzido por Clélia Nascimento Schulze para circulação interna). Núcleo de Psicologia Social, Departamento de Psicologia, UFSC, 1985.

OLIVEIRA, Marcio de. **Representação Social e Simbolismo: contribuições à sociologia brasileira**. In: Revista de Ciências Humanas. 1998-99/números 7-8, pp. 173-206. PR: Editora UFPR, 1999.

SARGENTINI, Vanice Maria Oliveira. **A noção de formação discursiva: uma relação estreita com o corpus na análise do discurso**. São Carlos: UFSCar, 2006.

SEIBEL, J. E. **Pesquisa hemerográfica**. Florianópolis: UFSC (Mimeo), 2007.